

A EVOLUÇÃO DA CRIMINALIDADE NO SEMIÁRIDO NORDESTINO: DO CANGAÇO AO CRIME ORGANIZADO

Erivelton Nunes de Almeida

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, eriveltonalmeida@yahoo.com.br

Resumo: A preocupação com crescimento da violência na sociedade não é algo recente. Por atingir diretamente a qualidade de vidas das pessoas o fenômeno do crime tem chamado atenção de toda a sociedade, mais precisamente de pesquisadores e dos governantes. Apesar de ser algo em comum as várias comunidades, a violência encontra pontos peculiares quando tratada contextualmente. No semiárido brasileiro não é diferente, região marcada pela seca e pelo descaso dos governos, apresenta uma criminalidade com características diferenciadas da criminalidade dos grandes centros urbanos, e de outras regiões do país. Através de uma pesquisa bibliográfica buscamos identificar como a criminalidade se desenvolveu nessa região entre o século XIX e o século XX. Buscamos mostrar como surgiu o movimento do cangaço e posteriormente como se desenvolveu o crime organizado nessa região. Concluímos que em ambos os movimentos a ausência do estado, as relações de poder e a geografia da região foram fatores preponderantes.

Palavras Chaves: Evolução, Criminalidade, Semiárido.

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro é uma porção de terra que ocupa além da maior parte dos estados do Nordeste uma pequena parte do sul do estado de Minas Gerais, distante espacialmente dos principais centros urbanos, historicamente não tem participado dos movimentos políticos nacionais. Suas principais características geográficas são a baixa precipitação pluviométrica, o alto índice de aridez e o alto risco de seca. Segundo o IBGE habitam nesse território aproximadamente 22,5 milhões (IBGE, 2010), o que corresponde a 11,84% da população do país.

Segundo Dantas (2008) por estar distante dos grandes centros urbanos o semiárido brasileiro continua condenado ao atraso, ao isolamento e à eterna má vontade dos governantes. Ainda de acordo com o autor a igualdade de direitos e o desenvolvimento tão falado nos grandes centros urbanos do país não passa de uma ficção naquela região.

Historicamente, nesse espaço geográfico a vida sempre foi vivida com muito esforço. Em meio a caatinga e a seca, a ausência do estado fez surgir durante muito tempo, no semiárido, a figura dos coronéis. Os coronéis foram uma nova versão dos senhores de engenho, eram chefes com autonomia para tomar as decisões locais mais importantes. Segundo Dantas (2008) para o homem do campo o Coronel era a “Lei”. A relação entre os coronéis e a população era de extrema

subordinação e arbitrariedade. Os poucos órgãos públicos presentes nas cidades do semiárido eram controlados por esses coronéis. Esse controle era total, ia da polícia, passava pela igreja e atingia até a justiça.

Enquanto nas cidades havia empregos no comércio e nas instituições do governo, no campo restava apenas a agricultura de subsistência onde o homem do campo trabalhava horas exaustivas enriquecendo cada vez mais o seu patrão e empobrecendo a si próprio através da mão-de-obra barata, de modo que o dinheiro que ganhava mal dava para a alimentação da família. Essa situação favorecia a prática de favores e a subserviência, o “paternalismo” alienador. (TELES, 2014)

O cidadão nascido no semiárido durante o século XIX, até meados do século XX, se deparava com essa estrutura social de abandono e opressão, ou seja, estava praticamente entregue à própria sorte. Naquele espaço não havia justiça, escolas, e nem hospital. Não havia também estradas. Os caminhos se resumiam a veredas por onde passavam os comboios de gado e mercadorias. Em contrapartida o litoral brasileiro, reduto das capitais e dos polos econômicos e políticos se desenvolvia paulatinamente.

O semiárido era no século XIX, conforme explica Dantas (2008) um mundo apartado da civilização. Esse ambiente hostil, onde não havia esperança, nem crença no estado tornou-se contextualmente um ambiente favorável ao crescimento da violência e da criminalidade.

As condições climáticas do semiárido nordestino favoreciam o surgimento de secas prolongadas de tempos em tempos, castigando a produção agrícola do homem do campo trazendo miséria e fome. As secas, o controle social, a partir da prática de favor cultivada pelos senhores de fazenda diante dos trabalhadores fez com que alguns se indignassem e fossem mudar o seu destino, adentrando no cangaço ou no messianismo (TELES, 2014)

Não que a pobreza e a miséria impliquem automaticamente em crime ou violência, mas a criminologia aponta esses elementos como fortes fatores de criminalidade. No caso do semiárido essa pobreza é acentuada, muitas vezes se configurando a própria miséria. Essa situação de miséria, causada pela diferença exorbitante entre as classes sociais, juntamente com a falta de perspectiva de mudança é sem dúvida um fator para o desencadeamento do comportamento criminoso.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Inicialmente vale afirmar a opção pela pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2012) esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças. Dos valores e das atitudes. Essa abordagem permite a análise a construção e análise da evolução da violência no semiárido nordestino, a partir de um recorte temporal. Quanto ao procedimento da pesquisa adotamos a análise de textos (livros e artigos científicos), documentos e entrevistas.

É nesse quadro de miséria, isolamento e abandono, juntamente com outros fatores como: desemprego, injustiça, vingança que, no final do XIX surgem os primeiros bandos de cangaceiros na região do semiárido nordestino. O cangaço pode ser considerado um movimento que tem como plano de fundo um espaço territorial dominado por Coronéis poderosos, e uma paisagem de desolação, castigada pelo clima seco. Segundo Gruspan, citado em Rocha (2006):

O cangaço em geral é um brado de revolta, um movimento impulsivo de defesa das vítimas de prepotências e injustiças. O pobre sertanejo, perseguido por governos corruptos e prepotentes, vítima de autoridades ignorantes e brutais, julgados por magistrados venais, sendo naturalmente bravo, recorre ao seu braço forte, para suprir a justiça inexistente de seu país. (ROCHA, apud GRUNSPAN-JASMIN, 2006).

O cangaço foi uma modalidade peculiar de banditismo no semiárido nordestino entre o final do século XIX e meados do século XX, todavia segundo Ramos, citado em Santos (2015), não se pode falar em um movimento único no cangaço. Na verdade, ocorreram movimentos distintos em épocas distintas e com pessoas distintas. O cangaço do século XIX guarda diferenças daquele do século XX.

O primeiro bando de cangaceiros que se tem conhecimento foi o de Jesuíno Alves de Melo Calado, "Jesuíno Brilhante", que agiu por volta de 1870. Jesuíno nasceu em 1844, em Patu/RN, firmou-se chefe do cangaço após se envolver em uma briga familiar. Agiu tanto no Rio Grande do Norte como na Paraíba. Durante sua trajetória Jesuíno Brilhante ficou conhecido como “o cangaceiro romântico”, conforme explica o historiador e membro da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço), Ângelo Osmiro Barreto.

Um verdadeiro “Robin Hood” do sertão, roubava dos ricos para distribuir aos pobres, tendo como fato que durante a grande seca que assolou o sertão nordestino em 1877, uma das mais catastróficas da história, ele e seu bando saqueavam os comboios enviados pelo governo transportando alimento. (BARRETO, 2009, p. 01)

Já no início do século XX, dentre os mais conhecidos e temidos bandos da região do semiárido nordestino estava o bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lâmpião. Nascido em 1897, em Pernambuco, Lampião após se envolver em uma confusão, causada por furtos de gados na propriedade de seu pai, acabou desencadeando uma “guerra entre famílias”, muito comum nessa região. Como o estado sempre foi ausente nesse espaço, essas contendas eram resolvidas na bala, ou na faca. Começava então ali a saga de um dos maiores cangaceiros do semiárido nordestino. Porém, conforme explica Santos (2015), não podemos resumir o cangaço ao grupo de Lampião:

Evidentemente o cangaço não é um fenômeno restrito apenas ao bando de Lampião e sua mulher Maria Bonita. Antes mesmo da atuação de Lampião, José Gomes. Nascido em 1751, em Glória do Goitá (Pernambuco) conhecido como Cabeleira, assombrava a região com seus atos de violência em conjunto com seus comparsas. Igualmente agiu Lucas da Feira, ou Lucas Evangelista, na região da cidade baiana de Feira de Santana entre 1828 e 1848. (SANTOS, 2015)

Mas também não podemos diminuir a dimensão desse grupo para o movimento. O grupo de Lampião atuou em vários estados do Nordeste, deixando um rastro de morte e violência por onde passavam. Para se ter uma ideia da importância do grupo na região do semiárido nordestino, em 1926 Lampião e parte de seu bando foram até Juazeiro do Norte no estado do Ceará e lá receberam uma proposta oficial para combater a Coluna Prestes, que seguia para o nordeste. Em troca Lampião seria anistiado dos seus crimes e receberia a patente de capitão dos Batalhões Patrióticos. Por isso que posteriormente ficou conhecido como o “Capitão Lampião”.

Virgulino Lampião morreu no dia 28 de julho de 1938, na fazenda Angicos, no estado de Sergipe, atual município de Poço Redondo, logo após ser surpreendido por uma “volante” - grupo de policiais. Junto com ele morreram vários outros cangaceiros, dentre eles a sua companheira Maria Déia Nenén, a “Maria Bonita”. Os cangaceiros foram decapitados e suas cabeças ficaram expostas no Museu Nina Rodrigues, em Salvador, até 1968.

É comum em literatura de viés marxistas uma abordagem romântica em torno do cangaço, transformando criminosos em heróis. Porém pensamos como Ramos, citado em Santos (2015), quando afirmava que os cangaceiros eram criminosos, que sem nenhum senso ético atacavam a sociedade, tão somente no impulso de saciarem suas necessidades e seus desejos, deixando sempre para trás um rastro de crueldade. Dessa forma, não podemos generalizar o romantismo ao redor do cangaço.

Segundo Dantas (2008), em sua obra Lampião entre a Espada e a Lei, um embate de natureza ideológica contribuiu para essa discussão sobre ser herói ou bandido. De acordo com esse autor, para a elite Lampião foi um bandido sanguinário, já para alguns setores de esquerda Lampião foi um revolucionário, um pioneiro na luta em favor da terra. Para Dantas ambas concepções dificultam a reconstrução da história do cangaço:

As duas correntes, evidentemente, exorbitam em suas teses e achincalharam a história, mergulhando-a em um oceano revoltado, onde por vezes é difícil distinguir o que é real e o que não passa de fantasia. (SANTOS, 2015)

Certamente o cangaço ganhou fama, titularidade de heroísmo e boa imagem perante o povo que não conviveu com a sua violência. Isso graças à cultura das lendas e de fatos isolados que

tomavam as cidades e se repetiam pelas feiras sertanejas através da literatura do cordel e do comentário de estórias e histórias de valentia e coragem.

O NOVO CANGAÇO

Ao passar dos anos o movimento do cangaço foi diminuindo, sendo o grupo de Cristino Gomes da Silva Cleto, mais conhecido como “Corisco” reportado como o último grupo de cangaceiros que se teve notícias. Remanescente do grupo de Lampião “Corisco” morreu em 1940, em um confronto com a polícia no estado da Bahia, porém os problemas do semiárido permanecem os mesmos: o clima seco, a falta de políticas sociais e as lutas pelo poder continuam forjando as relações locais.

Com o passar do tempo as figuras dos Coronéis foram substituídas pelas dos “Doutores”. O Doutores eram pessoas destacadas das cidades do semiárido, centralizavam poderes políticos e eram bastante influentes no meio social. As disputas pelo controle político e brigas de famílias passaram a ser mais acirradas e constante na região. No entanto a trajetória dessa violência aponta para uma nova configuração de criminalidade.

As brigas políticas fortaleceram esses grupos familiares, que acabaram muitas vezes enveredando-se para o caminho do crime organizado. A partir de articulações com criminosos de outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro, inclusive integrantes de quadrilhas como o PCC - Primeiro Comando da Capital - criminosos da região do semiárido transpassaram suas ações de vinganças e as brigas de família para os assaltos a agências bancárias e a carros fortes.

Mais uma vez a geografia do semiárido, o isolamento da região e o abandono pelo poder público contribuem para o crescimento dessas quadrilhas organizadas. O baixo efetivo de policiais e as dificuldades operacionais e de articulação das forças de segurança acabam convergindo para o fracasso do estado e o sucesso desses grupos, que foram batizados de “o novo cangaço”.

“Neocangaçeiros”, assim foram chamados criminosos de um grupo liderado por José Valdetário Carneiro, pelo programa Linha Direta, da Rede Globo de televisão, em agosto de 2003. Valdetario pertencia a família Carneiro, erradicada na cidade de Caraúbas/RN.

Foram membros dessa família (Benevides Carneiro), que em 1982 realizaram, o que seria até recentemente o maior roubo em território nacional. Só perde hoje para o furto ao Banco Central em Fortaleza, de onde foram subtraídos 194 milhões. O crime, que ocorreu na estrada que liga a cidade de Mossoró a Olho D’agua dos Borges no Rio Grande do Norte, ficou conhecido como “o assalto dos 94 milhões”. O delito foi planejado e tinha como objetivo abordar o avião que conduzia

o dinheiro do Programa de Emergência Contra as Secas do Governo Federal. Para Junior, (2006) o assalto dos 94 milhões é uma espécie de marco simbólico da criminalidade violenta e organizada no interior do Nordeste.

A finalidade do assalto era utilizar o valor subtraído para financiar a campanha do candidato Raimundo Amorim Fernandes (Zimar Fernandes) a prefeitura de Caraúbas, nas eleições para prefeito, que ocorreu em dezembro de 1982.

“Embora possuíssem uma conhecida trajetória de envolvimento em crimes de vingança e fossem tidos como valentes, os membros da família Carneiro, responsáveis diretos pelo planejamento e execução do assalto, não eram, até então, como foi sendo cristalizado depois nos discursos policiais e da imprensa durante os anos noventa, sinônimo de clã familiar envolvido com crime organizado” (JUNIOR, 2006)

No entanto as forças policiais, comandada na época pelo então investigador de polícia Maurilio Pinto de Medeiros, atualmente Delegado de Polícia aposentado, acabaram elucidando o crime. A elucidação do delito potencializou o racha entre as famílias Carneiros e Fernandes, que haviam realizado um acordo para a sucessão municipal, e que não foi cumprido por Zimar Fernandes.

Porém, conforme já foi dito a criminalidade não se resumiu a briga entre essas duas famílias. O grupo liderado por José Valdetário Carneiro passou a praticar vários assaltos a bancos e a carros fortes nos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Piauí, conforme explicou Barbosa e Nascimento no livro Valdetário Carneiro a essência da bala. Surge aqui uma das maiores quadrilhas organizadas do semiárido nordestino. Vejamos o que diz Junior, (2006):

Com a entrada em cena de Valdetário, realizando assaltos a bancos ousados, não raro, implicavam em verdadeiras “tomadas de cidades” e a subjugação das poucas forças policiais locais, os Carneiros são elevados à condição, por órgãos da imprensa de todo o nordeste, de “família criminoso”. Alcançando à condição de personagens pela mídia local, valdetário é retratado como um “cangaceiro moderno”. (JUNIOR, 2006)

Durante as décadas de noventa esse grupo, liderado por Valdetário Carneiro e seu primo Zimar Carneiro, realizou vários assaltos a agências bancárias, correios e carros fortes na região do semiárido nordestino. Sempre com muita violência esses crimes culminaram com mortes de vários policiais, dentre eles o Delegado de Polícia Civil Robson Luiz Medeiros Lira, na cidade de Macau/RN, no ano de 2002, em um confronto entre a Polícia Civil e o bando de Valdetário, logo após um roubo as três agências bancárias daquela cidade.

Concomitante o bando continuava praticando, por motivos variados, homicídios na região do Alto Oeste Potiguar. Dentre as vítimas do bando pode-se citar os irmãos: João Pereira, Elinaldo Simião Pereira e Agnaldo Simião Pereira, então prefeito da cidade de Caraúbas, morto no ano de 2001, na estrada que liga a cidade de Mossoró a cidade de Caraúbas. Foram imputados também ao

mesmo grupo os assassinados dos Irmãos Veras (Cezar Veras e Vicente Veras) residentes na cidade de Campo Grande/RN, acusados pelos membros da família Carneiro de delatarem as empreitadas criminosas do bando a polícia.

No histórico da quadrilha constam também várias fugas e resgates de penitenciárias. No ano de 2002 o bando conseguiu fugir da Penitenciária de segurança máxima de alcaçuz em Nísia Floresta/RN. A empreitada foi reportada na época como uma fuga cinematográfica, haja vista o poderio de fogo que a quadrilha demonstrou, utilizando metralhadoras, fuzis e pistolas. Valdetário morreu no ano de 2003, na zona rural da cidade de Lucrécia/RN, em um confronto com a polícia. O que acabou culminando com o fim do grupo.

O grupo comandado pela família dos Carneiros não foi o único a agir nesse período, outros grupos se formaram nessa mesma região do semiárido nordestino. O acesso a novas tecnologias, carros potentes, e o armamento de grosso calibre contribuíram para a acessão dessas quadrilhas. A articulação entre os bandos e a influência das quadrilhas de roubo a banco do Sudeste chamava bastante atenção.

No estado da Paraíba, entre os municípios de São Bento e Catolé do Rocha, com o mesmo pano de fundo (briga entre família) surge um grupo criminoso liderado por José Ferreira da Silva, o Dão Torrado. Torrado inclusive, segundo Júnior (2006), fez parte do grupo de Valdetário quando ainda era adolescente,

Dão torrado foi considerado pela imprensa Paraibana como um dos bandidos mais corajosos do sertão nordestino, morreu em confronto com a polícia Federal, em São Bento na Paraíba, após o sequestro de um gerente bancário.

Em Pernambuco, no mesmo estilo de Valdetário e Dão Torrado surgiu também nesse mesmo período o “neocangaceiro” Claiton Araquan. Sua especialidade eram os assaltos a banco. Morreu, na cidade de Pilão Arcado na Bahia, no dia 26 de setembro de 2003, após um confronto com a Polícia Federal, onde também tombou morto o Agente da Polícia Federal Klaus Henrique, que estava em um helicóptero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou apresentar um recorte da evolução da criminalidade no semiárido nordestino entre os séculos XIX e XX. A intenção de contribuir para as discussões em torno desta

temática, nos levou a investigar quais os principais fatores que contribuíram para a criminalidade nesse período.

Em meio ao percurso apresentamos alguns grupos específicos apontados como referências no estudo da criminalidade no semiárido nordestino nesse período. Percebemos também que as maiores causas da criminalidade nessa região são a ausência do estado e a desigualdade social. Muitos dos grupos, tantos dos cangaceiros como dos “neocangaceiros” surgem nesse contexto de abandono e ganham espaço pela falta da presença do estado nesse espaço geográfico.

Outras razões, como o clima seco, a falta de estrutura urbana e as relações políticas/familiares e a falta de perspectivas também influenciaram a violência no semiárido nordestino nesse período, que através de elementos característico desse local construíram movimentos criminosos peculiares.

Por fim é importante observar que apesar de centrar as ações de ambos os bandos – cangaceiros e “neocangaceiros” - em crimes de roubo, esses grupos não estavam desvinculadas de outras condutas criminosas como tráfico de drogas, de armas pistolagem. Dessa forma classificar os líderes desses bandos com heróis pode trazer consequências danosas para a história e para a construção de uma sociedade ética e um estado democrático de direito.

REFERÊNCIAS

- BARETO, Ângelo Osmiro, **O Cangaceiro Romântico**. Ceará. Revista da ALMECE. 2009;
- DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião: Entre a Espada e a Lei**. Natal. Calgraf. 2008;
- GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião o senhor do sertão**. São Paulo: Edusp, 2006;
- NASCIMETO, Paulo e BARBOSA, Rafael. **Valdetário Carneiro: A essência da bala**. Natal: Tribo, 2013;
- RAMOS, Graciliano. **Cangaços**. São Paulo: Record, 2013;
- SANTOS, Pedro Sergio. **Criminologia: Literatura, Violência Rural e Cangaço**. Jurídica, ISSN 2358-7970, Ano III, Número 3, Jan./2015;
- TELES, Fátima. **O cangaço, o latifúndio e as oligarquias**, 2014. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/249409-11>. Acesso em: 09 de outubro. 2016

